

A SUPERVALORIZAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS EM DETRIMENTO DA VERDADE NAS COMUNIDADES ECLESIASTICAS

Daniel Cezar Rossetto³
Luana Hartmann Tramarin⁴
Paulo Silas Rocha Hartmann⁵

RESUMO

O objetivo do artigo é analisar de forma crítica como a cosmovisão Pós-modernista tem influenciado cristãos a buscar a verdade por meio de experiências proporcionadas nos ambientes eclesiais e como isso afeta a igreja moderna. Debates a respeito da verdade têm crescido de forma substancial nos últimos anos, muitos se prontificaram a escrever sobre a verdade e os desafios que a era pós-moderna traz consigo. Por essa razão, a produção de um artigo científico centrado no problema do subjetivismo religioso contribui ainda mais para a discussão. Assim, mais cristãos podem, de forma profunda, analisar e discutirem de que modo o enfoque em experiências tem influenciado sua forma de ser igreja. Para isso, adota-se uma abordagem bibliográfica e explicativa, e conclui-se que apesar do valor da experiência na caminhada cristã, ela não pode substituir a verdade como fundamento. A inversão dessa ordem compromete não apenas a teologia, mas a própria identidade da igreja.

Palavras-chave: Verdade bíblica; Experiências; Comunidades eclesiais.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, nota-se um deslocamento silencioso, mas significativo, na forma como a fé cristã tem sido praticada. Não se trata apenas de mudanças de linguagem ou liturgia, mas de algo mais profundo: uma transformação na maneira como a verdade é percebida e vivida. O apelo da experiência, em suas múltiplas formas, vem ocupando um espaço que antes era reservado ao ensino, à doutrina e à meditação nas Escrituras; a verdade é substituída pelo sentimento e a ética pelo bem-estar pessoal (WELLS, 1993, p. 183). O que outrora era acessório tornou-se, para muitos, central. Vivências emocionais intensas passaram a ser vistas não como reflexo da fé, mas como critério para validá-las.

Esse fenômeno não ocorre isoladamente. Está inserido em um tempo no qual as

³ Bacharelado em Teologia na Faculdades Batista do Paraná. danielrossettoc@gmail.com

⁴ Bacharela em Design de Moda e graduanda em Teologia na Faculdades Batista do Paraná, Brasil. luanahartmanntramarin@gmail.com

⁵ Bacharelado em Teologia na Faculdades Batista do Paraná. paulosilasrv@gmail.com

noções de verdade objetiva e de autoridade externa foram progressivamente substituídas por narrativas pessoais e construções subjetivas de sentido. Dentro das igrejas, essa mudança tem se manifestado tanto nos discursos quanto nas práticas: cultos são formatados para gerar impacto sensorial, a linguagem se aproxima da autoajuda e os critérios de discernimento tornam-se, cada vez mais, internos e individuais. Há uma inversão silenciosa de fundamentos: a Palavra já não julga a experiência; é a experiência que, muitas vezes, determina o valor da Palavra.

Diante desse cenário, este estudo propõe um olhar atento para os efeitos dessa inversão. A proposta não é simplesmente contrastar dois modelos — o racional e o emocional — mas compreender o que se perde quando a verdade revelada nas Escrituras é deslocada de sua centralidade. O que está em jogo não é apenas a forma como os cultos são conduzidos, mas o modo como a fé é compreendida, vivida e transmitida.

Para conduzir essa reflexão, recorre-se a textos bíblicos e ao diálogo com autores que tratam das tensões entre verdade, experiência e fé, entre eles Francis Schaeffer, Frank Turek. A metodologia utilizada é bibliográfica, com abordagem explicativa, permitindo examinar as raízes e implicações do problema à luz da história, da teologia e da filosofia. A intenção não é oferecer uma resposta definitiva, mas ampliar a consciência sobre o que está em curso nas comunidades cristãs e por que isso merece atenção.

1. VERDADE BÍBLICA

A verdade bíblica deve ser o ponto de partida para qualquer forma de experiência na caminhada de fé, não o inverso. Quando se fala sobre verdade, Turek afirma que “verdade é “dizer aquilo que é” [...] “propriedade de estar conforme com os fatos ou a realidade” ou “a fidelidade de uma representação em relação ao modelo ou original” (TUREK, 2006, p.37), isto é, a verdade é essencialmente absoluta, não pode ser subjetiva ou de posse exclusiva de alguém.

Desse modo, qualquer afirmação que coloque a verdade como subjetiva é naturalmente mentirosa. Por exemplo, o dito contemporâneo de que “cada um tem a sua verdade: eu, a minha; você, a sua”, não corresponde à realidade dos fatos, considerando

que a verdade, por ser “absoluta, completa e exclusiva” (TUREK, 2006, p.37), não pode ser verificada a partir de perspectivas pessoais.

A visão bíblica parte desse mesmo pressuposto, pois, como afirma Francis Schaeffer (1981, p.221), “a Bíblia insiste que a verdade é uma só”. Por essa razão, é contraditório que um cristão acredite na pessoalização da verdade, como se essa dependesse do modo como cada pessoa a enxerga e a interpreta.

Ao analisar o que a Bíblia diz a respeito, identifica-se Cristo como sendo aquele que é a própria verdade em pessoa (Jo 14. 6); O Espírito de Deus como aquele que é a verdade, direcionando os fiéis na verdade (Jo 16.13); e as Escrituras sendo referidas como a própria verdade na oração feita por Jesus: “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade” (Jo 17.17).

Com isso, a verdade fundamental para os cristãos é o próprio Deus e aquilo que ele revelou por meio da sua Palavra (II Tm 3.16). O cristão deve analisar o seu próprio entendimento a respeito dela e a forma pela qual esse a vive, pois isso impacta diretamente na compreensão do que é, de fato, ser um cristão (SCHAEFFER, 1981, p.220). Por isso, se o cristão não reavaliar o seu próprio entendimento acerca da verdade, ele terá uma ideia errada sobre ela, o levando a viver com uma concepção distorcida a respeito da vida (TUREK, 2006, p.37).

Não é coincidência que há muitos cristãos que declaram crer na verdade, mas vivem um Cristianismo que tem por base epistemológica experiências pessoais, as quais geram falsas percepções da verdade em si e os afastam da concepção correta sobre o que é de fato viver a verdade bíblica.

2. UM OLHAR SOBRE A EXPERIÊNCIA RELIGIOSA E A VERDADE

A experiência esteve e continua presente na religião, inclusive no Cristianismo (BIERNOT; LOMBAARD, 2017, p.3). Ela acompanha a vivência espiritual desde os tempos mais antigos, visto fazer parte na expressão da relação do ser humano com o sagrado, com papel significativo na formação da identidade religiosa dos indivíduos e, conseqüentemente, das comunidades.

No entanto, embora seja um aspecto marcante na história, a experiência não pode ser tomada como critério ao buscar definir verdade, pois ao tempo que é possível

experimentar algo verdadeiro, é possível experimentar algo não verdadeiro. Caso toda experiência fosse automaticamente válida, então religiões e movimentos contraditórios entre si deveriam ser igualmente aceitos como verdades, o que é impossível (ARISTÓTELES, 1005b25).

A experiência religiosa verdadeira da fé cristã não está baseada no emocional, sentimental ou em qualquer subjetividade, mas na própria verdade, como afirma Schaeffer (1981, p.221).

É muito importante entender que, em contraste com os conceitos modernos de experiência espiritual, a experiência baseada na Bíblia está apoiada firmemente na verdade. Não é somente uma experiência emocional, nem é sem conteúdo.

Dessa maneira, quando uma experiência religiosa não está ligada a um critério de verdade — que, no cristianismo, é associado às Escrituras — ela pode ser questionada. Por outro lado, quando está fundamentada nesse referencial, a experiência adquire relevância, pois expressa aspectos verdadeiros da fé. Assim, a experiência religiosa ocupa um lugar secundário: ela é uma expressão da fé, e não seu fundamento. A verdade não surge da experiência, mas a antecede, orienta e serve como base para sua avaliação. Na teologia cristã, essa verdade é revelada nas Escrituras, de modo que a validade da experiência religiosa está ligada à sua coerência com os ensinamentos bíblicos (GRUDEM, 1999, p. 17, nota 3).

3. A LÓGICA DO CONSUMO DE EXPERIÊNCIAS E A IGREJA

Na sociedade contemporânea, a experiência passou a ser o principal produto, conforme afirmam Pine e Gilmore (1999, p. 98, tradução livre): “[...] bens e serviços já não são suficientes. Os clientes agora querem experiências [...]”. Quando se vai a um café, por exemplo, o que se consome prioritariamente não é o café em si, mas a experiência que o ambiente é capaz de proporcionar. As luzes, a arquitetura, a mobília — todos esses elementos contribuem para despertar no cliente uma sensação agradável, promovendo uma vivência marcante. O objetivo é que essa experiência seja tão positiva a ponto de gerar o desejo de retorno, fazendo com que o indivíduo queira revivê-la.

De maneira semelhante, muitas comunidades de fé têm operado com uma lógica parecida. Assim como os cafés, elas buscam oferecer uma boa experiência de culto,

utilizando-se de luzes, arquitetura, disposição do espaço e outros elementos estéticos como meios para produzir uma vivência agradável. A finalidade é clara: fazer com que a pessoa deseje retornar, não necessariamente por causa do conteúdo ou da doutrina, mas por causa da experiência vivida naquele ambiente. O cidadão pós-moderno que vai ao Starbucks na correria da semana, é o mesmo que vai ao culto no domingo. O consumidor de experiências encontra no templo a mesma atmosfera proporcionada pelo comércio e a verdade se torna secundária para a comunidade de fé (SAMPSON, 1994, p. 31), uma vez que centraliza os seus esforços em proporcionar “uma experiência inesquecível”.

Ao tratar sobre novas formas de teologia, Schaeffer (1981) explica que palavras que soam religiosas são utilizadas para criar um sentimento de pessoalidade e experiencialismo vago, sem uma comunicação factual com a verdade. Desse modo, declarações como “essa noite será sobrenatural para você”, ou “a sua benção está aqui”, e ainda “hoje é o seu dia de romper” são usadas de forma leviana, sem compromisso algum com a verdade bíblica.

Quando igrejas partem do princípio de proporcionar uma “boa experiência” e vivem uma “verdade” moldada a partir do subjetivismo gerado nesses espaços, elas nada se diferem dos cafés ou até mesmo de outras religiões. “Não é mais que um mero pulo para dentro de um misticismo semântico, irracional e indefinível” (SCHAEFFER, 1981, p. 78), no qual o homem, e a forma como ele experimenta a vida, são o foco e não mais a verdade das Escrituras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o cristão, a verdade bíblica constitui o princípio norteador de toda forma de vida e experiência — e não o contrário. As experiências possuem valor no contexto da fé cristã, todavia, não podem ser tomadas como fundamento para construções epistemológicas. Diante disso, torna-se indispensável estabelecer o que significa, de fato, a verdade para o cristão a partir das Escrituras, as quais revelam que essa verdade é o próprio Jesus Cristo e a maneira como Deus se dá a conhecer por meio da Bíblia. Portanto, pessoalizar a verdade — que é Cristo e as Escrituras — a partir de experiências próprias ou de um discurso religioso enraizado em tal subjetivismo, representa um

afastamento daquilo que a verdade bíblica efetivamente apresenta e gera uma teologia consumista, vazia e falsa.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **Metafísica**, Livro IV. São Paulo: Loyola, 2002.

BÍBLIA sagrada. **Nova Versão Internacional**. São Paulo: Vida, 1993.

BIERNOT, David; LOMBAARD, Christo. **Religious experience in the current theological discussion and in the church pew**. HTS Theologiese Studies/ Theological Studies 73(3), a4347. <https://doi.org/10.4102/hts.v73i3.4347>, 2017.

GEISLER, Norman L., TUREK, Frank. **Não tenho fé suficiente para ser ateu**. São Paulo: Editora Vida, 2006.

GRUDEM, Wayne A. **Teologia sistemática**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

PINE, B. Joseph II; GILMORE, James H. **The Experience Economy: Work Is Theatre & Every Business a Stage**. Boston: Harvard Business School Press, 1999

PRODANOV, Cleber Cristiano, FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do Trabalho Científico**: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

SAMPSON, Philip. **The rise of postmodernity**. In: SAMPSON, Philip; SAMUEL, Vinay; SUGDEN, Chris (org.). *Faith and Modernity*. Oxford: Regnum Lynx, 1994.

SCHAEFFER, Francis. **A morte da razão**. Schaeffer. São Paulo: Fiel, 1989.

SCHAEFFER, Francis. **O Deus que intervém**. São Paulo: Refúgio, 1981.

WELLS, David F. **No place for truth, or, Whatever happened to evangelical theology?** Grand Rapids, MI: William B. Eerdmans Publishing Company, 1993.